

Publicado em: LYCURGO, Tassos. Erickson, Glenn W. e Fossa, John A. *Dictionary of Paradox. Princípios: Revista de Filosofia*, Natal/RN, v. 6, n. 7, p. 135-140, 1999.

RESENHA — REVIEW

Por Tassos Lycurgo

Resenha crítica de: ERICKSON, Glenn W. e FOSSA, John A. *Dictionary of Paradox*. New York: University Press of America, 1998, 221 p.

O *Dictionary of Paradox* é uma análise vasta e não menos completa dos paradoxos que aparecem nas mais diversas formas que têm os homens de manifestar o argumento de maneira racional. E, assim como diversos são meios de argumentação racional, muitas são as áreas de interesse do dicionário. Veja-se que ele cobre desde os paradoxos semânticos até os lógicos e da teoria de conjuntos, passando por paradoxos religiosos, legais, literários, e por aqueles que venham a concernir a vida quotidiana do homem, como o paradoxo da loteria (the lottery paradox) e o paradoxo da estrela da manhã (the morning star paradox), dentre outros. Alguns, há de se dizer, são paradoxos que não são em si paradoxos no sentido estrito, mas sim caracteres raros e chamativos de alguns argumentos. Os autores, no verbete “a definição de paradoxo” (definition of paradox), deixam claro o sentido amplo de paradoxo que adotam em seu dicionário. Quiçá pudessem tê-lo feito no prefácio. Não obstante, o alargamento do sentido de paradoxo, antes de diminuir a importância do dicionário, engrandece-a, visto que o torna ao próprio dicionário mais prazeroso e propicia maior deleitação a sua leitura. Tal alargamento é identificado, por exemplo, no paradoxo da antiarte (the paradox of anti-art). A antiarte hoje, como diz o dicionário, é uma tendência artística na tradição da cultura burguesa, não mais a negação de todas elas. Neste caso, entretanto, vê-se que o paradoxo da antiarte não demonstra um paradoxo em sentido estrito, mas um fenômeno ímpar e curioso que ocorre. É fato que, como diz o dicionário, circunstâncias históricas como a supracitada podem ser consideradas como paradoxos históricos, mas, para tal, há de mister que ainda se discuta, mesmo que brevemente, a definição de paradoxo adotada pelo dicionário em questão.

O sentido atual de paradoxo, é bom que se diga, é fruto da restrição lógica da abrangência de tal palavra. E é graças às restrições de sentido por parte da lógica, que paradoxo é entendido como o argumento que leva a duas proposições contrárias a partir de premissas verdadeiras. Não obstante, essa não é a definição que adota o *Dictionary of Paradox* em toda a sua extensão. Dito isso, veja-se que, de acordo com o grego $\pi\alpha\rho\alpha\delta\omicron\zeta$, paradoxo tem sentido mais amplo. Além do sentido que normalmente se conhece, ele também representa rareza, feito inesperado, feição incrível. De fato, o dicionário registra paradoxo enquanto a junção dos gregos $\pi\alpha\rho\alpha$, que significa contra, com $\delta\omicron\zeta\alpha$, que significa opinião, crença, juízo. Desta feita, paradoxo, a junção dos dois sentidos, significaria um argumento contra a crença que se tem, contra o juízo estabelecido, algo incrível, inesperado, raro. É nesse sentido mais amplo que o *Dictionary of Paradox* justifica, como foi dito, a inserção de argumentos curiosos e chamativos, mas que não são

stricto sensu paradoxos. Uma atitude ousada, mas também criteriosa. Além disso, como foi demonstrado, tem o paradoxo o direito não apenas histórico mas etimológico de ser entendido em sentido mais amplo, e é nisso que se baseia a sensatez do dicionário. Vale ainda dizer que foi o alargamento do seu sentido uma postura positiva que tomou o *Dictionary of Paradox*. Veja-se que, com isso, ganhou ecletismo e abrangência. Passou a interessar não apenas à cultura específica, mas também a geral. Isso, todavia, não representa dizer que o dicionário não é útil para a pesquisa específica. Ele o é, e, mais que isso, deve tal façanha aos infracitados fatores.

Primeiro, os autores se preocuparam com a colocação de referências cruzadas sempre que lhes foi possível fazer. E, além do mais, fazem-no com propriedade. É graças a essa característica que há de ser dito que o dicionário funciona como um engenhoso hipertexto, cujas informações são efetivamente interligadas. Uma análise dos paradoxos legais (legal paradoxes), por exemplo, levaria, dentre outros, ao paradoxo dos direitos naturais (paradox of natural rights) ou ainda ao paradoxo da autocorreção (paradox of self-amendment). Este, por sua vez, aludi aos paradoxos da onisciência (paradoxes of omniscience), que remete aos paradoxos da religião (religious paradoxes), em uma grande e sucessiva cadeia. É nesse sentido que pode o dicionário ser vários livros, depende da trilha que se segue. Desta feita, há no dicionário uma interação com o interesse do leitor. Este, o leitor, é poupado dos caminhos que pouco acrescentariam a sua pesquisa e direcionado aos que agregam informações essenciais às mesmas. Os autores também apresentaram, na organização alfabética geral do dicionário, grande parte dos nomes dos paradoxos que são conhecidos de maneiras diversas. Por exemplo, como o paradoxo da ladeira escorregadia (the paradox of slippery slope) é também conhecido por paradoxo de Chisholm (Chisholm's paradox), os autores oferecerem o nome deste com uma referência direta àquele, no qual se encontra a descrição do verbete. O leitor que, por razões diversas, conheça apenas um dos nomes, não será prejudicado em sua pesquisa ao dicionário, já que ambos os nomes são apresentados. O segundo fator, que vem a tornar o dicionário uma boa ferramenta para pesquisa, concerne a amplitude da apresentação de várias fontes bibliográficas para cada verbete cuja escrita delas se valeu. Há de se notar o valor deste feito. A bibliografia apresentada permite o aprofundamento em qualquer das áreas cujos paradoxos são apresentados. Além disso, permite o conhecimento do grau de importância do paradoxo em função da quantidade e qualidade da respectiva bibliografia apresentada.

A descrição dos verbetes do *Dictionary of Paradox* é, de maneira geral, apresentada de duas formas. Uma parte é descrita diretamente, sem que haja uma explanação mais profunda. As razões para tal são várias. Em certos casos, por exemplo, no do paradoxo da cognição (the paradox of cognition), os autores consideram necessário um repertório vasto por parte do leitor sobre connexionismo para que tal paradoxo seja satisfatoriamente entendido e, portanto, totalmente abordado. Desta feita, eles indicam a formulação geral do paradoxo e, no final, apresentam a bibliografia correspondente. Outra razão para se dar uma descrição gera é quando o paradoxo concerne vários outros paradoxos mais específicos, de maneira que a descrição mais profunda se dará em cada um destes paradoxos. Neste caso, é importante notar, a descrição superficial é substituída por uma de grande profundidade desde que o leitor percorra as referências cruzadas

sugestionadas. Isto ocorre, por exemplo, no verbete dos paradoxos metafísicos (metaphysical paradoxes). Lá, há a descrição geral do que seria um paradoxo metafísico e, posteriormente, a referência cruzada aos vários paradoxos que os autores consideram deste tipo, a saber, os paradoxos de Zeno (Zeno's paradoxes), o paradoxo de McTaggart (McTaggart's paradox) e o paradoxo da matéria prima (paradox of prime matter), dentre outros. Uma segunda parte dos paradoxos no *Dictionary of Paradox* é descrita de forma mais sistemática, onde os autores descrevem de maneira geral o paradoxo, depois colocam a sua formulação, a sua explanação e, por fim, apresentam as resoluções mais importantes já dadas ao paradoxo em questão. Aqui, dentre outros, encontram-se o paradoxo da negação (paradox of negation) e o paradoxo do Nirvana (the paradox of nirvana). Vale ainda dizer que as resoluções dos paradoxos consistem em abordar o próprio paradoxo de maneira diferente, sempre através da reformulação de conceitos, assunções ou técnicas do argumento em questão.

Por fim, após a leitura do dicionário, o leitor é levado ao deslumbramento dos fenômenos discretos da razão. Discretos, é bom que se esclareça, no sentido de revelar objetos ímpares, singulares, únicos da argumentação racional. E é, neste panorama, que se pode fazer uma analogia entre paradoxos e pérolas. Desta feita, veja-se que, assim como se dá a pérola como sintoma de problema, a saber, a intrusão de estranho corpo no desenvolvimento interior da concha de um ou outro molusco bivalve, o paradoxo aparece como sintoma de problemas em algum argumento, ou ainda, como alarme, que indica imperfeição na técnica da razão ou nas assunções sobre as quais o raciocínio se sustenta. Para tal entendimento, o *Dictionary of Paradox* é imprescindível. Além disso, como se nota através do dicionário, o paradoxo pode ser o reflexo da inconsistência dos conceitos através dos quais entendemos uma argumentação. O paradoxo, enfim, é sintoma de falha na razão e, por isso, é de grande valia o seu estudo. Há também de ser dito que ele, por si só, é um argumento. Mais que isso, é argumento fascinante como fascinante é a pérola. Eis a idéia de primeira ordem e o desfecho da analogia que se faz: ambos, paradoxo e pérola, são preciosos neles mesmos, mas ambos indicam uma falta de preciosidade. No caso da pérola, indica-se a irregularidade na ostra, no caso do paradoxo, a irregularidade na argumentação. Assim sendo, pode-se dizer que o dicionário consegue, antes de mais nada, mostrar o quão perlado é o paradoxo e isso é, vale dizer, o que torna o *Dictionary of Paradox* essencial.